

FALANDO A PIRATININGA

Tive ensejo de afirmar aí, no mundo, que, se algum dia conseguisse liquidar todo o meu débito para com a terra maranhense e o Senhor decidisse mergulhar o meu espírito no Lethes da carne, eu desejaría ser paulista ou baiano.

São Paulo e Bahia foram os dois braços fortes que me ampararam na provação. A minha dívida para com ambos é sagrada e irresgatável. Era do seio afetuoso da Bahia, terra mãe do Brasil, que me chegavam os brados de incitamento para a luta e dos celeiros fartos e generosos de São Paulo vinha a maior parte do meu pão.

Em seu território vivem os meus melhores amigos e do santuário do seu afeto subiram para Deus, em favor do escritor humilde e enfermo, as preces mais comovedoras e mais sinceras, as quais não lhe iluminaram apenas as estradas pedregosas da Vida, mas constituiram igualmente uma lampada suave no seu caminho da Morte.

Ignoro quando o Senhor resolverá o retorno do meu espírito aos tormentos da Terra, mas quero, antes de meditar nos calabouços da carne, falar do reconhecimento do meu coração.

Todas as coisas do Brasil falam particularmente à nossa alma: Piratininga é, porém, o poema de ouro e de aço das energias do seu povo. A sua história, dentro da história da Patria, é uma afirmação gloriosa de heroísmo sagrado. O mesmo espírito de liberdade e de autonomia, que nos primórdios de sua organização lhe motivou o desejo de aureolar a fronte de Amador Bueno com uma coroa de rei, emancipando-se da sua condição subalterna, trabalha hoje, como trabalhou no passado, para eternizar, com o braço realizador, a epopeia da sua grandeza.

Entre as energias moças da terra há um delírio contagioso de ação e de trabalho. O esforço carinhoso do homem une-se à exuberância da seiva e São Paulo desfralda, nas linhas vanguardeiras, o lábaro do seu progresso e das suas conquistas. Do conforto de suas cidades modernas eleva-se para o céu a oração do labor que Deus escuta, premiando-lhe a operosidade com as alegrias da fartura.

E dizem que Anchieta, ainda hoje, em companhia daqueles que lançaram a primeira pedra na base do glorioso edifício piratinin-

gano, passeia, entre as bençãos dos seus cafezais e das suas estradas, enviando uma sagrada exortação aos que pelejam. Ele, que soube aliar no mundo a energia do homem ás virtudes do apostolo, vê, do espaço infinito, a sublimidade da sua obra, e quando se aproxima das praias antigamente desertas e dos lugares onde as florestas desapareceram sob os milagres do progresso, as juritis morenas da terra fremem as suas ásas de arminho, tecendo um palio inesperado, para cobrir a fronte do homem prodigioso que lhes levou a palavra do Evangelho.

Abençoam-no das alturas os indigenas redimidos pela sua fraterna solicitude e sob a proteção afetuosa das aves, Anchieta sorri, contemplando a sua Piratininga que trabalha e floresce.

Sempre me referi ás coisas de São Paulo, com o carinhoso enterneçimento da minha admiração.

E agora, longe das perturbações a que nos submete a carne, infligindo-nos a mais amargosa das escravidões, posso apreciar melhormente as suas afirmações de grandeza. Tenho a visão nitida dos seus valorosos feitos, da energica projeção dos ideais da sua gente intrepida, cuja atividade se desdobra no ambiente da confraternização de todas as raças, fun-

dindo-se no seu seio os mais enobrecedores sentimentos da fraternidade humana.

São Paulo de hoje é a bussola dos que hão de estudar amanhã a etnologia brasileira.

Ao lado de seus numerosos institutos de civilização e de cultura, Piratininga terá a sua "Sociedade de Estudos Psíquicos", como realidade nova do ideal espiritualista que, arrigimentando as fileiras dos estudiosos, se prepara afim de constituir a luz da humanidade futura.

Abre-se, desse modo, no cenário da sua evolução, mais um centro de benemeritos, cuja ação não estará circunscrita á pesquisa científica, mas tambem ao levantamento do nível moral da sociedade, intensificando os élos da fraternidade cristã; porque os verdadeiros estudiosos sabem que, se a ciencia contemporânea não está falida, não pôde, nas suas condições do momento, oferecer ao homem a chave das felicidades imortais.

A humanidade está faminta desse amor que só Deus pôde outorgar.

Um frio terrível de desespero e desgraça sopra entre os homens que se esqueceram da meditação e da prece. E a Ciencia é a figura de Edipo eletrizado sob os fatalismos inelutáveis do destino. O êrro dos que investigam é buscar a sabedoria sem preparar o coração,

invertendo as determinações imperiosas da Vida.

Piratininga está, pois, preparando o coração de seus filhos e das suas arcas ricas e generosas se derramará muito pão espiritual para os celeiros empobrecidos.

Dos empórios da sua grandeza, sairam no passado as bandeiras civilizadoras, rasgando o coração das selvas compactas e, na atualidade, novas bandeiras saírão, rompendo o cipóal da descrença em que os homens se emaranharam, para dizer a palavra da verdade e do amor. As suas armas de agora serão os ensinos do Evangelho, e o seu objetivo, a descoberta do filão do ouro espiritual.

Um jubilo inexprimível entorna-se do meu coração, dirigindo aos paulistas a minha palavra inexpressiva da tribuna da Morte e tomado de orgulhosa alegria, posso hoje exclamar:

— “Eu te agredeço, oh! Senhor! tão preciosos favores, porque, graças á tua bondade, pude hoje falar com S. Paulo, no momento em que ele se entregava com valoroso desassombro á obra da immortalidade, que é a obra do Evangelho !...”

18 de agosto de 1935.

CORAÇÃO DE MÃE

Dolorosa e comovedora é a carta dessa mulher maranhense que te chegou ás mãos, trazida sob as asas de um avião trepidante e ruidoso.

Mãe desesperada, apela para os sentimentos de paternidade, que não me abandonaram no tumulo, e grita aflitivamente, como se as suas letras tremidas fossem vestígios arroxeados do sangue do seu coração:

“Eu peço a Humberto de Campos que, mesmo do Além, salve o meu filho! Ele que não se esqueceu dos que deixou na Terra não pode negar uma esmola á minha alma de mãe extremosa !...”

E me lembro comovido dos apelos que me eram dirigidos pelos sofredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dor, entre as aguas pesadas do oceano da Morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher sofredora da terra que foi minha a certeza de que o seu filho é uma criatura predileta dos deuses. Tudo faria para imitar aquelas mãos ternas e misericordiosas que descansaram sobre a fronte abatida do orfão da viúva de Naim, ressuscitando para um coração maravilhoso de